Semana de Educação em Finanças Sustentáveis – Banco Itaú, Instituto Ethos e Sustainability

Representante do BNDES: Daniel Wajnberg, do Departamento de Investimento da Área de Mercado de Capitais.

Data do evento: 18 a 22 de maio de 2009.

Local: Londres.

Promoção: Banco Itaú, Instituto Ethos e Sustainability.

Tema: Sustentabilidade Corporativa no Setor Financeiro Britânico.

Instituições participantes: Sustainability, Volans, *Financial Times*, HSBC, Oxford University, Hendersons, Itaú Europa, UKSIF, F&C Management, UNPRI, BBC Brazil, WWF, London Business School, Standard Chartered Bank.

Por Daniel Wajnberg – do Departamento de Investimento da Área de Mercado de Capitais.

Descrição do evento: O evento fez parte da premiação dos dois ganhadores do Prêmio Itaú de Finanças Sustentáveis, tratando-se de uma série de reuniões com executivos de empresas e instituições britânicas, com o objetivo de entender como está sendo tratada nessas organizações a incorporação de aspectos sociais e ambientais nas finanças.

Site da premiação: <http://www.itaufinancassustentaveis.com.br>.

Após uma semana de visitas a empresas e associações do setor financeiro, instituições de ensino e organizações não governamentais, tive a oportunidade de conversar com profissionais envolvidos, de diversas formas, com a promoção da sustentabilidade. Um grande número de perguntas foi respondido, várias dúvidas permanecem, e diversos novos questionamentos surgiram em função dessas conversas. A sustentabilidade está incorporada nas instituições financeiras do Reino Unido? Quais são os principais problemas de sustentabilidade

do setor financeiro e, talvez mais importante, quais as soluções para esses problemas? Acredito que, de forma geral, pode-se dizer que as discussões foram centradas nessas questões.

Saio dessa Semana com respostas concretas para esses questionamentos? Absolutamente, não. Alguém possui respostas concretas para esses questionamentos? Provavelmente, não. O próprio conceito de sustentabilidade não parece estar sólido: uma jornalista de um veículo de mídia mundialmente conhecido diz que prefere não usar a palavra para evitar confusão nos leitores; não há consenso sobre a inclusão, no contexto da sustentabilidade financeira, da questão da venda de títulos de alto risco lastreados em empréstimos podres; para terminar, enquanto a governança corporativa para alguns está inclusa na discussão da sustentabilidade, para outros, é tratada separadamente. Assim, me pergunto: como podemos encontrar soluções sólidas se o próprio entendimento do conceito fundamental ainda não está claro?

Embora não exista um consenso sobre o conceito, o aquecimento global foi, de longe, o problema de sustentabilidade mais comentado. É provável que, de fato, esse seja, atualmente, o problema mais relevante no contexto da sustentabilidade. Ele é, no entanto, um problema primariamente ambiental, e, quando definimos que sustentabilidade corporativa é “a incorporação de aspectos sociais e ambientais na definição da estratégia, na operação do negócio e nas interações com todos os *stakeholders*”, não estamos olhando para uma definição restrita do problema? E os problemas de discriminação racial, trabalho escravo, violações de direitos de acionistas minoritários, além de outros problemas ambientais, como ficam? Priorizar é às vezes necessário, mas me parece que a priorização não precisa trazer consigo a desconsideração de outros assuntos que também possuem materialidade para o desenvolvimento sustentável.

Não está claro para mim se as grandes empresas reagirão de forma efetiva aos desafios para a sustentabilidade. Ao mesmo tempo,

também não sei se os consumidores, a mídia ou a sociedade civil organizada liderarão os esforços no sentido de resolver os principais problemas ambientais e sociais que nos afetam. Honestamente, parece-me que sem regulação apropriada, em nível global e ou regional, empresas continuarão argumentando que não existe um *business case* para a sustentabilidade, clientes continuarão dizendo que os produtos sustentáveis são mais caros ou não oferecem maiores benefícios, e a mídia continuará tratando o tema com relevância apropriada à demanda de seu público: continuaremos no mesmo *status quo* até que uma (ou mais de uma) catástrofe de enormes proporções gere as mudanças de comportamento necessárias em todas as esferas da sociedade. Quando isso acontecer, tenho a impressão de que a sustentabilidade não será mais tratada nas instituições de ensino como um tema auxiliar; não haverá mais dúvidas sobre a conceituação da sustentabilidade.

Minha visão sobre sustentabilidade foi alterada após essa Semana. O que você pensaria se viajasse milhares de quilômetros, cruzasse o oceano e conversasse com cerca de 20 pessoas de diversos perfis, idades e profissões, mas que mostrassem um comprometimento igualmente genuíno com uma causa? Um analista britânico de 25-30 anos de uma grande organização não governamental que está buscando a criação de “passivos de carbono” nos novos padrões de contabilidade internacional (IFRS). Uma amável e articulada senhora de aproximadamente 55 anos que lidera os esforços em uma associação nacional de promoção ao investimento sustentável, cujas muitas atividades englobam, por exemplo, a organização de “semanas do investimento sustentável”, estimulando a demanda de consumidores por produtos socialmente responsáveis. Um *expert* mundialmente reconhecido no assunto de sustentabilidade dedicando seus esforços para o desenvolvimento de pequenas empresas, que para ele serão as principais responsáveis pelas inovações tecnológicas que gerarão as futuras

soluções para os problemas de sustentabilidade. Por último, mas sem exaurir a lista, o professor de um curso obrigatório de responsabilidade social corporativa em uma das principais universidades de negócio do mundo, cujo aparente ceticismo não é coerente com seus esforços na inclusão do tópico da sustentabilidade no mais importante certificado mundial para analistas financeiros (CFA). Mais do que a observação da incorporação do conceito da sustentabilidade corporativa no setor financeiro britânico, o que se destaca é a atuação de “agentes da sustentabilidade” que, em diferentes esferas e de diferentes formas, estão contribuindo para o preenchimento de uma lacuna específica, por menor que seja.

Ele pode ser um líder corporativo ou um analista de uma empresa, sendo remunerado ou não pelo seu trabalho, com maior ou menor visibilidade, novo ou velho, homem ou mulher, radical ou ponderado, acreditando ou não no *business case* da sustentabilidade, esse “agente da sustentabilidade” pode ter diferentes perfis e estar promovendo a sustentabilidade de diversas formas. Mas uma coisa ele definitivamente não está fazendo: ele não está usando a sua crítica aos governos, à ineficiência dos sistemas econômicos ou até mesmo à natureza humana para justificar a sua inércia, a sua inoperância e a sua falta de vontade de corrigir os problemas que afetam não somente a sua geração, mas também as gerações futuras. Ele está agindo e, ao fazer isso, nos impele a agir também.

Assim, embora talvez não possamos ainda encontrar a motivação de mudar nos governos, nas grandes corporações e na sociedade de forma geral, podemos definitivamente encontrá-la em um conjunto de pessoas que já reconheceram a gravidade das questões socioambientais com que nos deparamos. O desenvolvimento sustentável, na minha percepção, está ancorado na visão de alguns seletos indivíduos, líderes nos seus contextos e movidos por questões diversas, mas com objetivos comuns. Se o conceito não está claro, o problema não está

definido, a regulação é fraca e faltam soluções sólidas, o que nos resta? Restam exemplos. Exemplos de iniciativas admiráveis que, mesmo de forma fragmentada, estão sendo levadas adiante, estão influenciando positivamente aqueles ao seu redor e, portanto, já estão fazendo a diferença.